



DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA ESTADUAL DE CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano I - nº 1

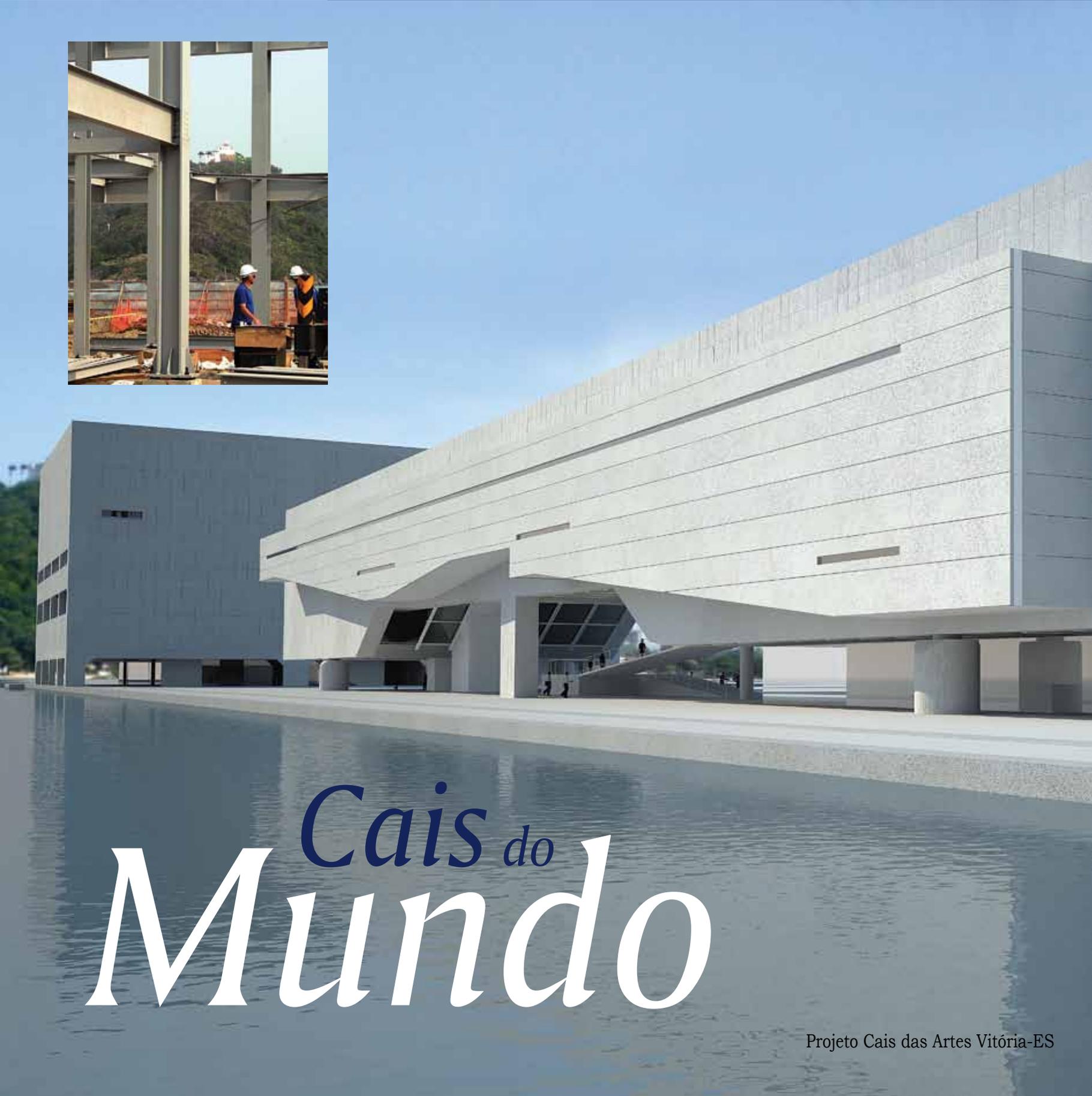
Vitória-ES

Dezembro de 2010

Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



Cais do
Mundo

Projeto Cais das Artes Vitória-ES

APRESENTAÇÃO



Erlon José Paschoal
erlonpaschoal@uol.com.br

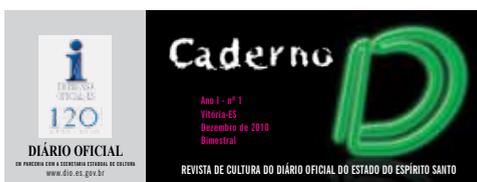
Há tempos pensava-se em lançar uma revista cultural envolvendo o Departamento de Imprensa Oficial (DIO) e a Secretaria de Estado da Cultura (SECULT). Agora com o interesse e a sensibilidade de Ademir Rodrigues, Diretor presidente do DIO, e Dayse Lemos, Secretária de Estado da Cultura, a proposta tornou-se enfim uma realidade.

Caderno D pretender se tornar um espaço de reflexão sobre temas culturais relevantes e sobre a arte, em especial aquela produzida no Espírito Santo. Nada mais necessário em um momento tão especial da História política, social e cultural de nosso Estado; um momento de aperfeiçoamento e consolidação das políticas públicas na área da cultura. Nada mais pertinente também nesse nosso mundo globalizado, no qual as informações circulam com muita rapidez e são de fácil acesso.

Caderno D poderá ser acessado online pelos sites www.dio.es.gov.br e www.secult.es.gov.br ampliando assim o número de possíveis leitores.

Vale destacar o empenho de Marcos Alencar e Joelson Fernandes para tornar possível esse importante instrumento de comunicação cultural. Críticas e comentários serão sempre bem-vindos para que a revista se aperfeiçoe e reflita aspectos significativos da cultura do Espírito Santo.

Boa leitura a todos!



GOVERNO DO ESTADO

PAULO CESAR HARTUNG GOMES
Governador

RICARDO DE REZENDE FERRAÇO
Vice-Governador

HERÁCLITO AMÂNCIO PEREIRA JUNIOR
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

Conselho Editorial:

Erlon José Paschoal/Erly Vieira Jr./Marcos Alencar/Reinaldo Santos Neves/Sérgio Blank

DIO

ADEMIR RODRIGUES
Diretor Presidente

MIRIAN SCARDUA
Diretor Administrativo-Financeiro

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

Secretária de Estado da Cultura
Dayse Maria Oslegher Lemos

Subsecretário de Estado da Cultura
Erlon José Paschoal

Subsecretária de Patrimônio Cultural
Anna Luiza Lemos Saiter

Gerente de Ação Cultural
Maurício Silva

Nesta Edição:

Alípio Cesar
Erly Vieira Jr
Joyce Castelo
Melina Almada Sarnaglia
Renato Carniato
Rodrigo de Oliveira
Marien Calixte
Vitor Nogueira

Direção Geral
Marcos Alencar

Jornalista responsável
Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Diretor de Conteúdo
Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico
Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

CINEMA

Rodrigo de Oliveira

rod_ol@yahoo.com.br

Filmar *aqui, falar ao mundo*

Os últimos cinco anos talvez tenham gerado, em volume de títulos, a maior concentração de filmes capixabas produzidos na história. Mas, ainda assim, estes filmes encontram uma barreira de visibilidade radical, em dupla via: por um lado, são raros os espaços de exibição dentro do Espírito Santo, e por outro, este cinema está completamente alijado do panorama cinematográfico nacional.

Para a primeira barreira, as soluções parecem mais viáveis no curto prazo: é preciso que o poder público assuma responsabilidade também pela divulgação dos produtos que, na maior parte dos casos, já ajudou a produzir. O sucesso recente do projeto Circulação Cultural, implementado pela Secretaria de Estado da Cultura, precisa absorver também o cinema, e espalhá-lo pelos quatro cantos como tem feito com a música, o teatro e a dança. Mais ainda, a televisão pública estadual precisa ser o canal preferencial de exibição dessa produção incentivada. O início de uma cinematografia local forte se dá sempre quando seus pares se reconhecem enquanto geração, enquanto produtores afins (não importa o quão diferente sejam suas estéticas e modos de realização) e, sobretudo, quando o público sabe reconhecer, por costume e recorrência diante dos olhos (muito mais do que pela temática ou localização geográfica) que aquele cinema na tela lhe é próximo.

Vencer a segunda barreira é mais difícil, e ao mesmo tempo vital. Para participar do mundo é preciso dialogar com ele, e se há um dado negativo nesta produção dos últimos cinco anos, é o quão desarticulada ela se apresenta nas relações com os objetos artísticos contemporâneos, com a história do cinema brasileiro ou com as referências ao cinema internacional.

Fazer um filme é apenas a ponta de um processo que começa, inevitavelmente, na prática constante e obsessiva de ver e pensar filmes. O primeiro movimento nessa direção é o estabelecimento de centros de formação. A recente abertura de uma cadeira de Audiovisual na Ufes e a bem-sucedida experiência do curso de Rádio e TV do CEET Vasco Coutinho são a ponta de um processo que precisa se estender a programas públicos e privados onde novas e velhas gerações possam reciclar o pensamento em torno da arte, experimentar possibilidades, estabelecer parcerias. O outro movimento, decorrente deste, é o despertar de uma cinefilia desvairada, apaixonada. O cinema daqui será tão mais nosso quanto mais ele buscar suas razões e suas emoções no catálogo de imagens e sons espalhados pelo mundo, nas salas de cinema, na televisão ou na Internet. É justamente essa munção estética e política, alcançada através da cinefilia ativa e filtrada pelo talento e sensibilidade de cada realizador, que tornará o cineasta local um guerreiro mais bem preparado para o confronto com as especificidades da nossa cultura, do nosso povo, das nossas vontades. Porque fazer cinema é estar sempre em conflito com suas próprias certezas, com o conforto do já-sabido, e se jogar no mistério, na dúvida, no desejo de afeto mediado pela câmera. O novo cinema que sairá daí, mais íntegro no contato com a realidade local (seja ela natural ou inventada), mais devotado a procurar no Espírito Santo suas imagens-de-cinema e não apenas os registros tradicionais e protocolares, este novo cinema encontrará espaço em qualquer lugar, num grande festival nacional ou num pátio de escola no interior: ele estará, afinal, usando a voz do mundo para cantar a sua aldeia. É para onde apontam os recentes Meninos, de Ursula Dart, Avenca, de Erly Vieira Jr. e A Estrada Silvestre, de Ricardo Sá. Cantos poderosos demais para passarem despercebidos.



CAPA

Cais do mundo

Em breve, o Espírito Santo terá à sua disposição um conjunto arquitetônico amplo e moderno, dotado de todos os equipamentos necessários para apresentar espetáculos de grande porte abrangendo óperas, danças, concertos e peças teatrais, que mudará o panorama cultural de nossa cidade e de nosso Estado: o CAIS DAS ARTES

O Cais foi projetado para abrigar um museu, um teatro e uma praça de convivência constituída de café, livrarias e pequenos espaços para espetáculos cênicos e exposições ao ar livre, tendo como característica principal a valorização do entorno paisagístico e histórico da cidade.

O projeto, assinado pelo arquiteto e urbanista Paulo Mendes da Rocha (foto acima) está sendo edificado em um terreno de 20 mil metros quadrados na Enseada do Suá, em Vitória. Essa primeira obra do arquiteto em sua cidade natal faz um elogio desse território monumental cuja conformação geográfica pretende integrar a natureza com a construção, numa cidade cotidianamente animada pela presença do porto.



O Cais das Artes está vocacionado a ser um lugar de atração na vida cultural da cidade que, por suas características espaciais intrínsecas, permitirá ao público descortinar uma paisagem exuberante de forma privilegiada. Efeito que será amplificado, ainda, no percurso de visitaçao do museu, cuja circulação vertical em rampas e patamares cristalinos criará varandas para a contemplação do entorno natural. Por outro lado, o conjunto constituirá — ele também —, uma nova referência visual na paisagem da Baía de Vitória, e poderá ser admirada desde inúmeros pontos de vista.

Com um museu climatizado e contendo uma área expositiva de 3.000 metros quadrados, mais um



teatro com capacidade para 1350 espectadores, preparado para abrigar usos múltiplos, o conjunto do Cais das Artes procura qualificar a cidade de Vitória, como uma sede cultural e como referência nacional. Intenta inserir a cidade na rota de eventos itinerantes (shows musicais, espetáculos teatrais, de dança e exposições de arte) que circulam pelas grandes capitais brasileiras, e sediar grandes eventos locais, festivais, a Orquestra Sinfônica do ES e até mesmo uma companhia estável de Dança.

Nas palavras de Paulo Mendes da Rocha “o museu é suspenso do chão fazendo com que o espetáculo dos navios, neste canal de entrada do Porto de Vitória, faça parte dinâmica das exposições. A luz será refletida do chão da praça clara para dentro do museu. O teatro terá o seu salão de entrada para a plateia, debruçado sobre o mar, com suas luzes conversando com as luzes

do navio em movimento.

Especialmente, o Cais das Artes integra uma área de expansão urbana que tem recebido investimentos significativos, tanto públicos quanto privados, passando a abrigar equipamentos novos de grande porte, tais como edifícios administrativos, tribunais, shopping center e condomínios residenciais. Trata-se, como está claro, de uma área estratégica para o desenvolvimento econômico e cultural da cidade.

Formando uma imensa praça pública defronte ao convento da Penha e ao lado da praça do Papa, sua localização mantém uma forte relação com o mar e a paisagem.

O Cais das Artes pretende ser também um local de visitaçã

permanente e de convivência social intensa estimulando na população o pertencimento e a identificação com a prática cultural. Novos tempos para a cultura do Espírito Santo!



ARTES VISUAIS

Das ausências e potências da *Arte Visual* no Espírito Santo

A condição das artes visuais no Espírito Santo é sempre pauta de reflexão e questionamento por parte principalmente da classe artística. A impressão, muitas vezes negativa, de certo isolamento dos grandes centros produtores – como Rio e São Paulo, faz com frequência que os artistas se enveredem ou por

outros campos de produção ou por outras terras, onde as oportunidades são pretensamente mais férteis.

Dito isto, identificamos como características do circuito das artes visuais no Espírito Santo (prefiro a utilização do termo circuito ao termo sistema, comumente utilizado, justamente por acontecer em âmbitos menores e menos complexos que o dito Sistema, onde os papéis dos produtores de arte são definidos e hierarquizados) a ausência de um mercado consumidor de arte, em especial de arte contemporânea. Tal situação reflete na dificuldade de atuação

profissional dos artistas e sem dúvida, dos profissionais que atuam em conjunto à produção artística, como curadores, críticos e teóricos – no campo intelectual e, de produtores, montadores – no campo executivo. Sem dúvida que alguns desses papéis são desempenhados em concomitância pelos próprios artistas, no entanto, a constituição de um circuito fortalecido abriria espaço para outras profissões atreladas ao fazer artístico.

Mesmo assim, a ausência de profissionais e de um mercado forte favorece a autorregulamentação e gestão dos processos pelos próprios artistas. Diluídas as amarras que direcionam as produções quando ligadas à galerias comerciais, os artistas – ainda que com dificuldades múltiplas – conseguem realizar e apresentar seus trabalhos. A escassez de espaços é revertida na apropriação dos espaços públicos pelos artistas, como no caso de Júlio Tigre, que há alguns anos ocupa imóveis abandonados para compor



Melina Almada Sarnaglia

melina@sarnaglia.com.br

as instalações nomeadas de Projeto Inquilino, que só agora em sua terceira edição recebe financiamento através da Bolsa Atelier.

Outra característica é a participação estatal no financiamento das produções. Seja através da Lei Rouanet, de âmbito federal ou como as bolsas-editais oferecidas pelo governo do Estado. Se de um lado, o apoio por parte do Estado favorece a produção de um tipo de arte onde o produto final é descolado do mercado, seu revés proporciona certa apatia e conformismo por parte da classe artística que acaba por delegar toda a responsabilidade de construir e equipar a cena artística ao Estado. Acredito, contudo, que estes incentivos devem ser encarados pela classe artística como um estímulo para que se fortaleça o caráter autossuficiente e autônomo do circuito. Deste modo, o incentivo deveria funcionar não só no círculo compreendido pela própria classe artística, mas e principalmente, no alargamento deste, trazendo para si outros públicos.

Par e passo com a escassez de espaços está

a ausência de projetos reflexivos sobre a arte produzida no Espírito Santo; talvez o método mais familiar nos seja a crítica, que quando é produzida não está ao alcance de um público maior. As estratégias de reflexão sobre os processos constituídos necessitam ser elaboradas para que se consolide a produção em outros terrenos, preenchendo também o vazio da formação de público. Projetos como o apresentado pelo HnA, na Galeria Homero Masena neste ano, vislumbram novos modos de ativação de outros públicos ao mesmo tempo em que buscam uma reflexão especializada so-

bre os rumos da arte, no caso, dos acervos de arte.

A pergunta que fica é como ampliar os limites estabelecidos pela geopolítica ao longo dos anos? Como alinhar o conhecimento da produção no Espírito Santo no circuito nacional? Daqui, só consigo vislumbrar como possibilidade a potencialização do pensamento crítico-reflexivo sobre o que com relevância é aqui produzido. Na efetivação da ausência como potência transformadora.



ENTREVISTA

Encontro com

Arthur Carlos

Um *Condamné à Mort s'Est Echappé* (Um condenado à morte escapou), é a resposta de Arthur Carlos quando lhe perguntei qual o seu filme de paixão? “Apesar de já ter assistido algumas vezes, gostaria de ver de novo, mas haja tempo”, diz ele, espichando-se na poltrona de seu discreto escritório. Como sei que Arthur Carlos é fascinado por cinema, comento o projeto do Sesc que recentemente aconteceu no cine Jardins, em Vitória, mostra do cine-

ma francês, exibindo durante uma semana filmes da geração *nouvelle vague*, uma bela surpresa para os cinéfilos da cidade. Foi estimulante rever Godard, Truffaut, Chabrol, Resnais e Bresson. Um verdadeiro banquete que Arthur lamenta não ter podido comparecer, porém, antecipando não ser ele um fã godariano.

A conversa deságua nas nossas memórias. Arthur Carlos Gerhardt Santos lembra as concorridas sessões de cinema na sede da Aliança Francesa, onde se reuniam os amantes do cinema e onde também acompanhávamos pela revista *Cahiers de Cinéma* a carreira de jovens críticos franceses, que se tornariam cineastas de talento mundialmente reconhecidos. Foi ali também que acompanhamos o neo-realismo italiano, provocando as platéias do mundo inteiro. Lá estavam os decotes e as pernas de Gina Lollobrigida e Sophia Loren. Enquanto isso a Rússia liberava para o mercado uma cópia do filme “O Encouraçado Potemkin”,

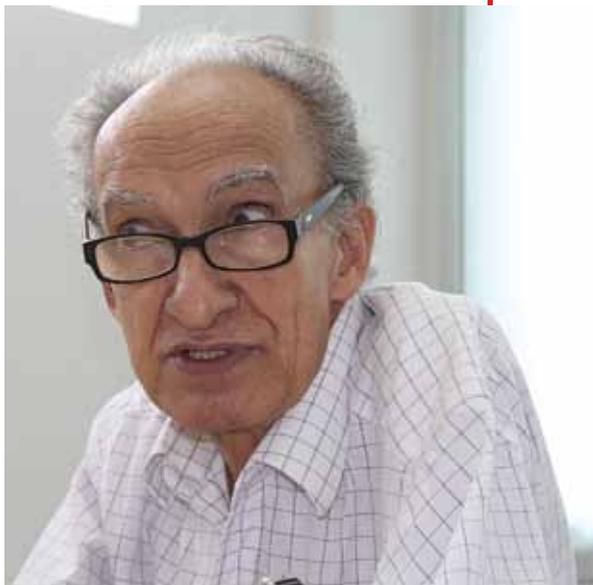
do mestre Sergei Eisenstein. A segunda guerra mundial empurrou Hollywood para os cenários dos seus heróis. Os filmes norte-americanos a gente ia ver na sede do Instituto Brasil Estados Unidos, Ibeuv. As informações do Brasil e do mundo chegavam por via dos documentários da Movietone. Enquanto isso, em São Paulo, nasciam os estúdios Vera Cruz, à imagem de Hollywood. Esse projeto paulista deu certo por pouco tempo, mas o suficiente para revelar a beleza fulgurante de Tônia Carrero. Arthur Carlos ratifica: - O que foi visto, foi visto.

Coisa que me aborrece é fazer comparação, seja do que for, mas essa pergunta eu preciso fazer: Vitória de ontem ou Vitória de hoje?

Responde Arthur, abrindo um novo sorriso, e proclama: - “Vitória é sempre linda”.

- Foi aqui na ilha que você nasceu...

- Sim. Sou filho de Elza e Otaviano. Fui para o Rio de Janeiro estudar engenharia, pois naquela época não existia escola de engenharia no Estado. Só havia cinco engenheiros em Vitória e um em Cachoeiro de Itapemirim. Voltando ao Estado fui trabalhar no serviço público, servi ao governo e fui diretor de empresa privada. Cheguei com muita honra a governador do meu Estado. Arthur fala do desenvolvimento da cidade com o qual encantado se identifica. Amigos seus que não vinham a Vitória há uns dez, vinte anos, ficam ma-



Marien Calixte
marien.calixte@ig.com.br

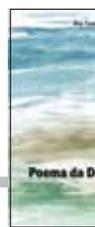
ravilhados com a sofisticação da construção civil, com o paisagismo, e a vida noturna de boa qualidade. Vitória se transforma, perdendo, há muito tempo, as características de província.

Arthur Carlos é um homem calmo e simples. O gosto pelo cinema vem desde quando estudava no Rio de Janeiro. O que o encanta é a música de Mozart. Não se reconhece um político, mas sim um técnico experiente. E afiança: “Bom governador é aquele que delega”. Paulo (Hartung) fez isso muito bem.

Este encontro com Arthur Carlos revela-se rico de imagens, uma rara oportunidade para lembrar pessoas e fatos. Nosso conhecimento ocorreu numa reunião do cineclube da Aliança Francesa. Ele, como eu, fazia crítica de cinema. Ele, em A Gazeta, eu, em O Diário. Arthur assinava com o pseudônimo Clouzot, nome de um dos mais célebres diretores do cinema francês. Quando ele deixou A Gazeta fui convidado para assumir aquele espaço, logo eu, um assíduo leitor das críticas de Clouzot, imagine você! Nos anos 50/60 a rede de cinemas de Vitória chegou a ter mais de dez salas de projeção. Era o que estimulava a vida cultural da cidade; uma das vertentes foi a criação de cineclubes que proporcionavam aos seus sócios a oportunidade de conhecer e debater filmes que não chegavam ao mercado comercial.

Aos 82 anos, Arthur Carlos continua em plena atividade, participando de seis empresas, mas, como ele diz, reservando tempo para a família e para o lazer. “Quando fui governador, não deixei de frequentar cinemas, momentos de prazer. Mas hoje, com o advento do DVD, você tem uma infinidade de ofertas. Na internet, baixo filme e posso interagir com pessoas que tenham o mesmo gosto que eu. Quando vou a Portugal, frequento um local que exhibe filmes especiais, todos os dias, o ano inteiro. Agora mesmo me avisaram que até o final do mês será exibido o filme Dom Carlos. Eu vou lá.



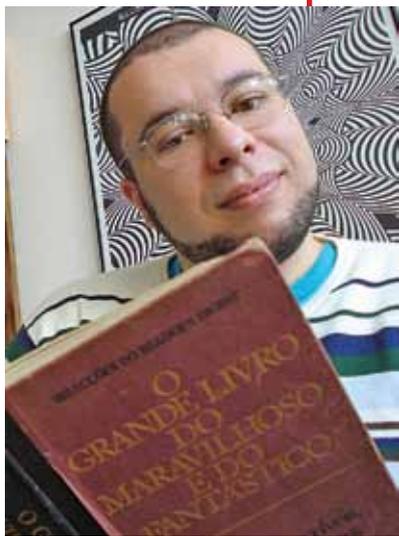


Alguns desafios para o cenário literário

Capixaba

na próxima década

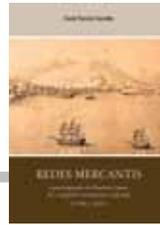
Em 2005, quando eu e o Reinaldo Santos Neves organizamos a antologia Instantâneo, reunindo 38 escritores capixabas, uma pergunta recorrente, feita por várias pessoas que acompanhavam o circuito literário capixaba era essa: “Mas tem tanto autor novo assim, em condições de participar de uma coletânea?” Ao que eu respondia, com o característico gogó de quem tinha (naquele tempo) vinte e poucos anos e todo otimismo do mundo: “Deve haver muitos mais. Vocês ainda não viram nada!”



Se, naquele momento, meu otimismo parecia soar um tanto quanto inocente, ele se justificava por um processo de redescoberta que se iniciava dentro do próprio Espírito Santo acerca de suas potencialidades literárias. Afinal, depois da “era de ouro” vivida nos 80 (a década da saudosa coleção Letras Capixabas, publicada pela FCAA/Ufes, que nos revelou nomes como Miguel Marvilla, Waldo Motta, Paulo Sodré, Bernadete Lyra, Grijó, Blank, Tavares e tantos outros), ainda faltava muito para que a literatura local pudesse dar sinais de recuperação.

O próprio poder público, em especial o Governo do Estado, já esboçava esse diálogo, ainda que, naquele momento, as primeiras iniciativas fossem tímidas. Mas o que se via, aos poucos, era o aparecimento, aqui, ali, em diversos pontos do Estado, de novos autores, muitos deles dialogando diretamente com o que se fazia de ponta na literatura brasileira – o que, de certa forma, reforça um certo caráter cosmopolita que nossa literatura sempre teve, o que justifica a expressão “literatura brasileira produzida no ES” (um rótulo que soa mais abrangente do que uma suposta “literatura capixaba”, adotada por Reinaldo e Marvilla, na coletânea A parte que nos toca).

E, se temos tanta gente boa surgindo, e mais um tanto de outros veteranos continuando a fazer boa literatura, nada mais justo do que juntar forças para reestruturar um circuito literário que dê conta dessa produção. Nos últimos cinco anos, uma série de iniciativas tem funcionado no sentido de ampliar as diversas facetas desse circuito. De um lado, o Estado faz a sua parte, com um mecanismo de editais que permite a publicação de várias obras literárias inéditas, selecionadas por comissões



Erly Vieira Jr

erlyvieirajr@hotmail.com

antenas com o que se faz de melhor na literatura nacional, mas sem perder de vista as particularidades regionais. Em cinco edições, o edital já permitiu a publicação de mais de trinta livros inéditos (romances, contos, crônicas, poesias, literatura infantil, dramaturgia), contemplando tanto autores estreados, quanto valorizando a produção de vários escritores veteranos. Se somarmos a isso uma série de iniciativas independentes, que primam tanto pela qualidade gráfica quanto pelo rigor na seleção dos textos (Aves de Água, Edições Causa, Huapaya&Editores e a já veterana Flor&Cultura), o número de obras literárias relevantes publicadas nos últimos cinco anos passa das 50 com certeza. Diversidade e qualidade, palavras que o tempo todo saltam das páginas desses livros quando os folheamos.

Mas como um mercado não se faz apenas de publicações, mas também (e principalmente) de leitores, muita coisa ainda precisa ser feita. Primeiro, a criação de canais de distribuição dessa produção, para que esses livros possam chegar aos 78 municípios do Estado (e, porque não, em formato digital também, para download?). De longe, esse é o maior desafio desta década para o circuito literário brasileiro.

Mas não o único. O mecanismo de editais precisa ser ampliado: basta ver a quantidade de trabalhos que ficaram na suplência, em especial na categoria não-estreado, pra perceber que muita coisa boa ainda está nas gavetas e HDs de nossos escritores. Sem contar que as livrarias precisam romper com o clássico apartheid adotado com relação ao livro local (falo aqui daquela prateleira empoeirada de “livros capixabas”, geralmente posicionada num cantinho escondido da loja). Independen-

dente do fato de que alguns autores venham a arriscar vôos mais ousados em editoras de porte nacional, o mais importante é buscar meios de se ampliar o alcance dessa produção aqui dentro do Estado.

Público potencial para isso nós temos. Prova disso são as ações desenvolvidas em eventos realizados na Biblioteca Pública Estadual, com um calendário lotado de atividades, ou ainda as realizadas pela Ufes, como os concursos literários da Edufes, o Seminário Sobre o Autor Capixaba (que já teve quatro edições e uma quantidade enorme de trabalhos teóricos apresentados) ou ainda a Revista Graciano, irmãzinha mais nova dessas iniciativas surgida no começo deste ano, e que envolve estudantes universitários interessados em discutir e difundir a produção literária local. Em menos de um ano, a revista já nos fez constatar duas coisas: uma, que há interesse em conhecer essa produção, já que cada edição da revista tem tido pelo menos 700 leitores; e a outra, que há muita coisa a ser dita/escrita sobre a literatura daqui.

Diante de tantas possibilidades que se apresentam no cenário literário daqui, por mais que ainda haja muito a fazer, acho que me sinto mais otimista hoje do que há cinco anos atrás. É esse panorama fértil que sussurra isso o tempo todo, para mim, para vocês, para nós todos: “Isso é só o começo. Vocês ainda não viram nada!”.



MÚSICA

Música • Nova

Qual é a cena musical que predomina no Espírito Santo? Já tivemos o hardcore, o reggae e, hoje, me parece que nenhum estilo ou movimento ditam tendências claras por aqui. Na mesma panela de barro, tá todo mundo embolado. Por um lado, esse cenário pode soar desmobilizado e, de fato, restam agora poucos festivais ou eventos de música, mas, numa linda contrapartida, sobram a diversidade e o frescor de bandas e artistas novos que vêm desfilando nos nossos ouvidos.



Cachoeiro de Itapemirim - sob seu estandarte de capital secreta do mundo - engrandece mais um tiquinho seu currículo musical. É de lá a Vitrola de 3, com toda a graça circense multiplicada pela performance de seis caras e de uma moça que logo emplacaram a canção Palhaço de Aço em um álbum virtual chamado *Bandas Independentes do Brasil*. Trata-se de uma coletânea que reúne vinte e uma faixas que circulam nos players de quem se liga em consumir o bom e o novo de uma música nacional ex-

pandida pela internet. E se, para falar da Vitrola de 3, a referência mor é o circo, vale dizer, num clichê de coração que, no picadeiro de sons da banda, entra um rock disfarçado na possibilidade de ora ser samba, ora ser poesia.

E se a intenção for encher um palco, também temos o coletivo artístico-musical *Expurgação*. Depois de tantas transmissões online direto do Comando Kalakuta - espaço de encontros e criação expurgativa - eles acabam de lançar *Noaretério*, o primeiro álbum com gravações em estúdio. Em sete faixas não cantadas, climas e sensações bastante distintas. O trabalho foi lançado virtualmente com o apoio do Programa Rede Cultura Jovem, da Secretaria de Estado da Cultura.

Esta mesma iniciativa governamental permitiu que o músico Lucius Kalic se lançasse no ineditismo de produzir um songbook do repertório de Sérgio Sampaio. Lucius tem formação em violão erudito, mas seria um disparate pensar nesse moço confinado a um trato musical muito formal. Ele passa a mão no violão e solta a voz em suas

Joyce Castelo

www.pedecarona.wordpress.com - joycecastello@gmail.com



Expurgação



Expurgação



Vitrola de 3

composições como se estivesse sorrindo e cantando ao mesmo tempo.

Noutra trajetória, há a banda Dizzy Queen e sua proposta hardpunkrock'and'roll com vocal feminino extravazado e músicas em inglês. De misturas eletrônicas, a Trepax é uma banda que desponta tanto quanto a HypnotZion no reggae e a Tabacarana no samba-rock. Afeito às colagens sonoras, André Paste brinca de ser contrassenso ao fazer mashups avacalhados e divertidos. A prova mais conhecida é a faixa Cid Moreira On The Dancefloor. Enquanto isso, o Mc Tim está só na maciota mandando ver junto ao Funk da Paz.

Faz-se assim a nova música capixaba, num cenário que não é propriamente cenário, num selo que abriga gente de todos os tipos, bem para além do que cabe ser mencionado no papel. Agora resta escutar mais e mais as novidades, este texto é um singelo convite.



CONTO



O menino acordou no meio da noite. O quarto estava escuro, mas da sala de jantar vinha uma luz clara que oscilava entre o azul e o prateado. Calçou os chinelos (a mãe lhe disse que pisar no chão fazia tossir), dirigiu-se à sala de jantar e viu uma criatura que parecia estar acesa. Com um sorriso e um delicado movimento da cabeça, a criatura o cumprimentou e a sala ficou ainda mais iluminada. Quem seria aquele, aquela aparição? O que fazia diante do bolo de seu aniversário? Era menino ou menina? Convidado de quem?

- Ainda está cedo para a festa.

O menino se aproximou da criatura.

- Não vou poder ficar para os parabéns.

- O que você veio fazer aqui?

- Cumprir minha primeira missão.

O menino, que sempre quis cumprir uma missão, como nas revistas em quadrinho, ficou ainda mais encantado com a criatura.

Que missão seria?

- Quem fez seu bolo de aniversário?

- Minha mãe, claro! A sua nunca fez um bolo para você?

- Eu não tenho mãe.

- Todos têm mãe.

- Mas eu não nasci como você.

- Todos são obrigados a nascer.

- É que eu sou um anjo.

A criatura era diferente de tudo que ele conhecia. Até mesmo dos fantasmas que o assustavam à noite. Ele teve até pena das meninas vestidas de cetim azul, asas de penas brancas ou tule salpicado de estrelinhas. Pobrezinhos daqueles anjinhos das procissões e coroações de Nossa Senhora da sua rua. As mães preparavam, treinavam seus anjinhos em casa, mas quando chegava a hora (dava pena!), elas esqueciam a cantiga, desafiavam, suas asas caíam, perdiam o equilíbrio, agarravam-se a outros pobres anjinhos que se assustavam, faziam o altar balançar e o povo todo cair na gargalhada. O anjo que apareceu em seu aniversário era todo feito de luz, não tinha jeito de perder o equilíbrio, tropeçar, esquecer letra de música, desafinar, fazer qualquer coisa errada. Ele nunca viu nada, nem ninguém tão bonito. A chegada do anjo, porém, trouxe o medo ao coração do menino. Por toda sua vida, ele esperaria seu regresso. Algumas vezes teve

a impressão de que o anjo, mesmo ausente, observava-lhe os atos, impedia que caísse em armadilhas, praticasse más ações, andasse em más companhias. Por duas ou três vezes acreditou ter ouvido a voz do anjo e, numa delas, chegou a pedir que aparecesse ou o deixasse em paz. Ele precisava levar a vida de toda gente.

- Qual é sua missão?

- Saber como sua mãe consegue esse tom de azul. O anjo apontou para a cobertura de seu bolo de aniversário.

- É a primeira vez que ela faz o bolo dessa cor.

- Você pode me ajudar?

- Quem escolheu essa missão para você?

- Nossa Senhora...

Sua mãe fazia o mesmo bolo no aniversário de todos os filhos. Um coração coberto de glacê branco, salpicado de jujubas, pequenas bolinhas multicoloridas e esferinhas mais grossas e prateadas de açúcar. Quando a mãe começou a cobrir o bolo com o glacê de sempre, seu irmão pediu uma cobertura diferente. Foi então que a mãe pegou um frasco de líquido azul escuro, misturou ao glacê e o espalhou pelo bolo. A mãe perguntou que tal. Estava bonito, sim, mas um anjo viria de tão longe só por causa de um bolo?

- O que Nossa Senhora quer fazer com essa cor?

- Os anjos obedecem.

- Ela não viu na hora de preparar o bolo?

- Nossa Senhora é muito discreta.

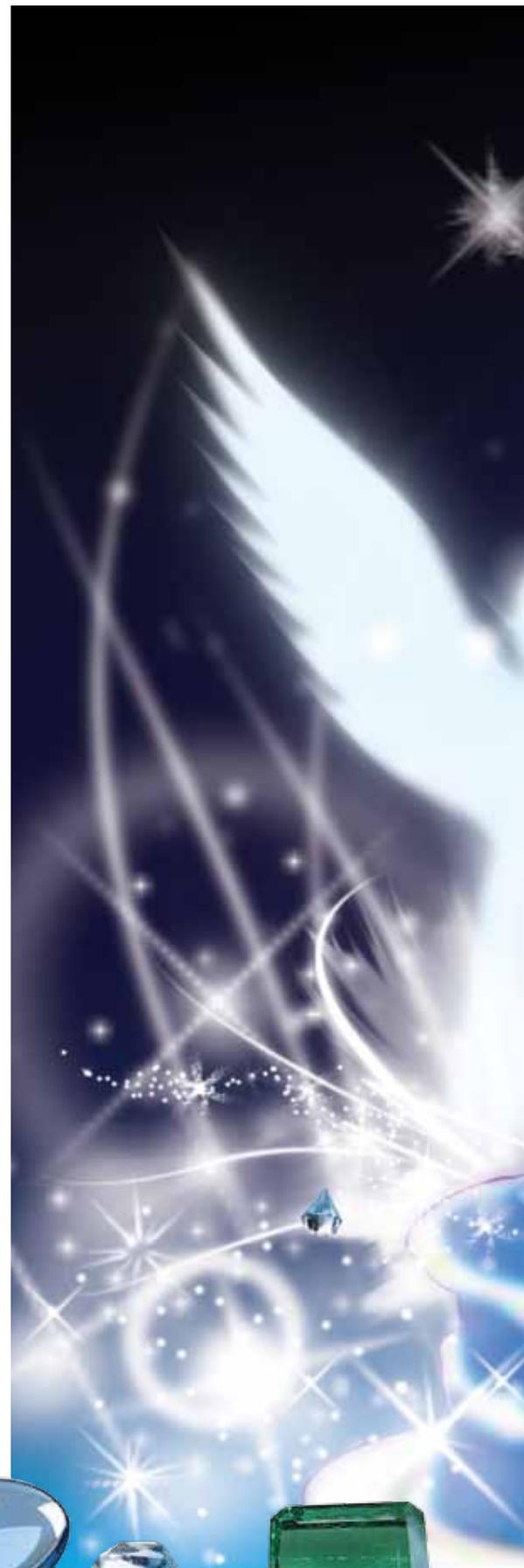
- E o que você quer dizer com discreta?

- Que ela não fica olhando para dentro das casas.

- E anjo pode entrar sem bater na porta?

Nossa Senhora era tão discreta quanto sua mãe era desorganizada. As coisas que ela usava eram achadas nos lugares mais estranhos. Tesouras no meio dos talheres, peças de roupa na dispensa, seringa de injeção na estante

A noite em q



Alipio Cesar
acena@ig.com.br

ue o Anjo chorou



de livros. Ele começou a procurar e foi achar o frasco azul na gaveta da máquina de costura.

- Aqui, disse ao entregar o frasco ao anjo.
- Oooooohhhh!
- Porque você fez oohhhhh?
- Isto aqui é...

E o anjo começou a chorar. O menino perguntou se o choro tinha alguma coisa a ver com sua missão na terra. O anjo disse que sim. As lágrimas lhe rolavam pelas face e, ao tocar suas vestes luminosas, transformavam-se em pedras preciosas, tornando a criatura ainda mais linda.

- Sua missão deu errado?
- Deu sim.
- Por quê?
- Não posso falar a verdade para Nossa Senhora. Sua mamãe não gostaria.
- Então leva isto com você - ofereceu o frasco ao anjo. Minha mãe vai achar o máximo quando eu contar essa história toda para ela.
- Os santos são muito bons, mas não têm senso de humor. Não entenderiam sua mamãe.
- Então leva um pedaço de bolo. Eu digo a mamãe que o anjo mais bonito do mundo veio me visitar antes dos parabéns. E digo mais, que o anjo chorava pérolas e diamantes e era vestido com raios de luz. Ela não vai acreditar mesmo. Ela acha que eu tenho visagens.
- E você tem visagens?
- Se você é uma visagem, eu tenho.
- Você gosta de ter visagens.
- Se voce é uma visagem, eu gosto.

Ao dizer isso, colocou o frasco de tinta sobre a mesa, raspou o bolo com o indicador, pegou e mão do anjo e besuntou-a com um pouco da cobertura azul. O anjo sorriu, fechou a mão e, quando a abriu, a cobertura azul estava dentro de uma cápsula transparente, de onde saí-

am discretos raios de luz azul; Era a bolinha de gude mais linda do mundo. O menino quis a bolinha de presente, mas teve vergonha de pedir ao anjo, que lhe agradeceu a atenção e lhe pediu para guardar segredo de sua aparição. Antes de partir, retirou uma pedra preciosa de suas vestes e a entregou ao menino. O anjo desapareceu e com ele, todas aquelas luzes

- Segredo? Quem ia acreditar?

Ele guardou a pedra preciosa no bolso da camisa e, antes de deitar, pegou o frasco e leu TINTA PARK com SOLV X. Tirou do bolso a lágrima-diamante, colocou-a sobre o criado mudo ao lado de sua cama e adormeceu. No dia seguinte, enquanto se preparava para seu aniversário, colocou a pedra no bolso da camisa. Parentes e poucos convidados se distribuíram em torno da mesa e, antes de cantarem os parabéns, a mãe lhe perguntou quem passou o dedo na cobertura do bolo. Para disfarçar sua atenção, ele tirou a lágrima-diamante do bolso e a entregou à mãe. Enquanto cantavam e batiam palmas, ela pensou em perguntar ao menino onde havia conseguido aquela pedra tão bonita, mas, distraída como era, guardou-a num lugar improvável e a pedra nunca foi encontrada.

- Tinta Park com Solv X, pensava. Porque o anjo ficou triste?

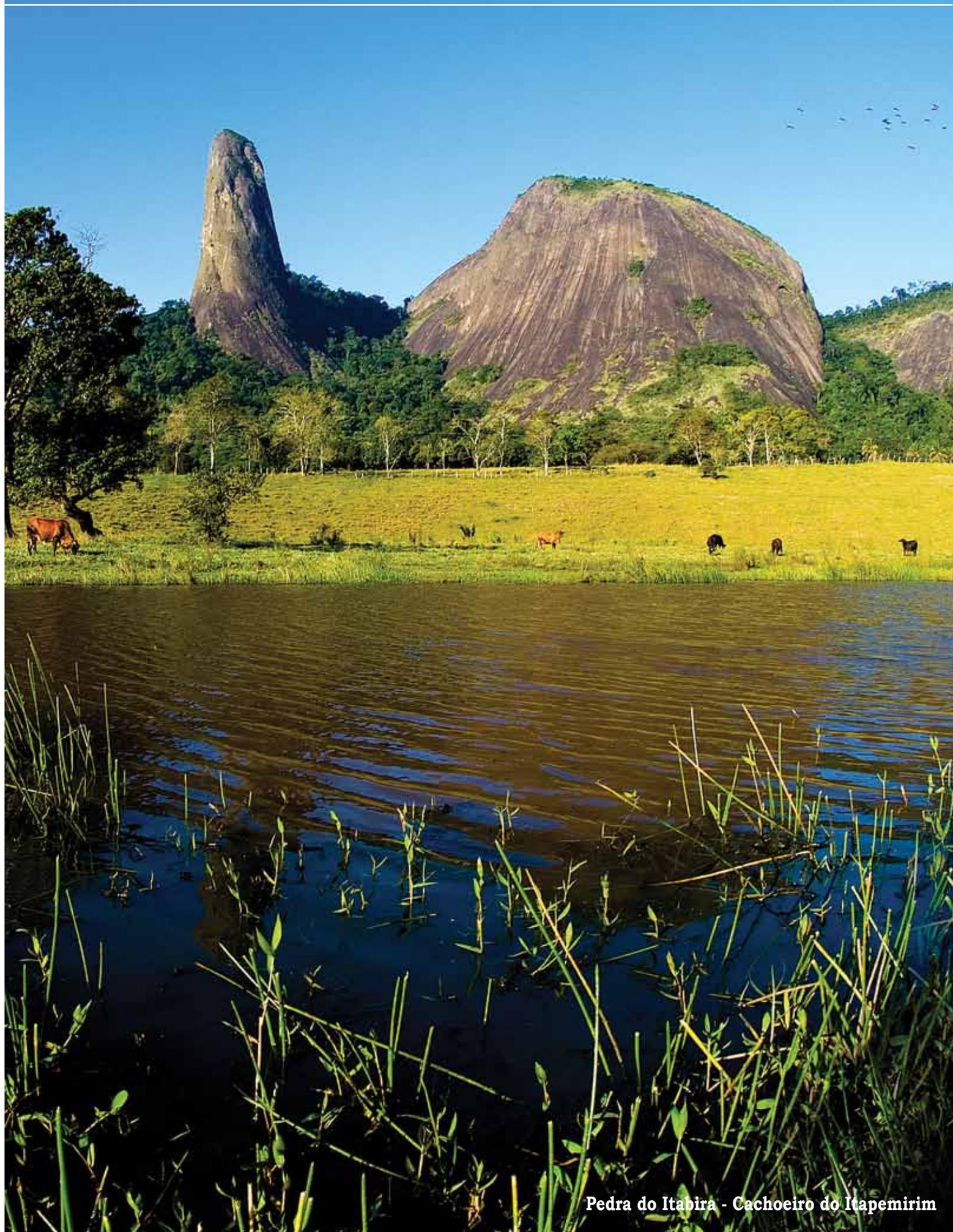
O menino estava feliz porque seu bolo era tão lindo que encantou até Nossa Senhora. Quando acabasse a festinha, guardaria um pedaço para o anjo. Ele cresceu, conheceu novos amiguinhos, teve namoradas, casou-se com uma delas, teve filhos, netos e, até o último dia de sua vida, não perdeu a esperança de rever aquele anjo tão lindo, conversar com ele, rirem juntos, brincar, trocar idéias, dizer tolices, discutir, sentir imenso prazer com sua presença, tremer a cada despedida, sentir raiva pela sua prolongada ausência. Por duas ou tres vezes, ele se perguntou sobre sua ligação com o anjo. Porque sentia medo. O menino sabia porém, que era um medo diferente do que acomete os apaixonados. O que ele mais temia na vida era chegar à conclusão de que o anjo jamais existira.



FOTO

Vitor Nogueira

contato@vitornogueira.com



Pedra do Itabira - Cachoeiro do Itapemirim